

**AS CRÔNICAS DO SÉCULO XVI:
ENTRE O PASSADO MEDIEVAL E UMA NOVA REALIDADE**

**CHRONICLES OF THE SIXTEENTH CENTURY: BETWEEN
MEDIEVAL PAST AND A NEW REALITY**

Luciano José VIANNA¹

Resumo: Neste artigo, apresentamos as primeiras abordagens feitas em nosso projeto de pesquisa em desenvolvimento intitulado “As crônicas do século XVI: o homem entre o Medieval e o Novo Mundo”, no qual trabalhamos com uma documentação tanto portuguesa quanto castelhana, a qual foi composta a partir da experiência do homem europeu medieval com o território americano. Nossa proposta se justifica pela necessidade de abordar o contato do homem europeu medieval com o continente americano através do estudo de tais documentos para compreender não somente as relações do homem com o espaço e o tempo relacionados a este período histórico, mas também observar este contexto histórico de forma mais ampla a partir da experiência europeia.

Palavras-chave: Crônicas. Medievalo. Século XVI.

Abstract: In this article, we present the first results about our research project “As crônicas do século XVI: o homem entre o Medieval e o Novo Mundo”, in which we work with a Portuguese and a Castilian documentation, both composed from the experience of the medieval European habitants in the American territory. In this sense, our propose is based in the necessity of study the contact of the medieval European habitants with the American continent through of the study of the chronicles of the sixteenth century. Our aim is to understand not only the interaction between the men with the territory and the time related to this historical period, but also observe this historical context from a perspective of a European perspective.

Keywords: Chronicles. Middle Ages. 16th Century.

1. Introdução

Cada vez que o Medievalo é estudado e analisado apresenta suas particularidades no sentido de continuidades e permanências com a nossa contemporaneidade. São diversos os exemplos de instituições ou práticas surgidas ou desenvolvidas durante o Medievalo dentre as quais podemos citar: as universidades, as catedrais, o ressurgimento das cidades, o sistema representativo político cidadão, entre muitas outras. Neste sentido, o exercício de caminhar do presente para o passado e do passado para o presente, como afirmou Marc Bloch (BLOCH, 1965, p. 39-46), é um bom procedimento para entender estas particularidades e compreender o significado atual do Medievalo.

¹ Professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE)/campus Petrolina. Doutor em *Cultures en contacte a la Mediterrània* pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Membro do *Institut d'Estudis Medievals* (UAB-IEM). Coordenador do *Spatio Serti* – Grupo de Estudos em Medievalística (UPE/campus Petrolina).

É correto afirmar que o homem peninsular ibérico, que chegou gradativamente às terras americanas durante o século XVI, era um “homem medieval” (LE GOFF, 2015, p. 109): seu comportamento ainda voltado para o processo de Reconquista na Península Ibérica – visto como uma continuidade em território americano –, sua mentalidade cristã e suas características cidadinas são apenas uma das particularidades que estabelecem sua origem no Medievo.

As recentes abordagens sobre o Medievo têm proposto que o estudo deste período deve ser concebido a partir de três eixos fundamentais para a melhor compreensão do mesmo. Em primeiro lugar, a partir de uma nova abordagem de temas tradicionalmente estudados ou a apresentação de novos temas, os quais, por exemplo, aparecem em diversos verbetes do dicionário publicado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (LE GOFF e SCHMITT, 2002); em segundo lugar, abordando a perspectiva da “longa Idade Média” destacada por Jacques Le Goff, na qual haveria uma permanência, entre os séculos XVI e XVIII, de elementos surgidos tipicamente do Medievo (LE GOFF, 2004, p. 13); e em terceiro lugar a partir da presença dos aspectos continuístas do modelo medieval na América colonial, tanto espanhola quanto portuguesa, a partir do século XVI, apontados por historiadores como Jacques Le Goff, Jacques Heers, Luis Weckham e Jérôme Baschet (LE GOFF, 2015; HEERS, 1991, p. 239; WECKMANN, 1994, p. 21; BASCHET, 2006, p. 274-297).

Um dos projetos de pesquisa que atualmente desenvolvemos se refere à análise das crônicas portuguesas e castelhanas compostas durante o século XVI, intitulado “As crônicas do século XVI: o homem entre o Medievo e o Novo Mundo”. Tais crônicas, compostas em um contexto de chegada do homem europeu ao continente americano, apresentam em suas narrativas a percepção do homem entre o Medievo e o “Novo Mundo”. Observadas a partir de uma perspectiva historiográfica, tais crônicas representam, a partir da perspectiva europeia, a manifestação dos primeiros contatos estabelecidos entre estes dois mundos, onde os aspectos do imaginário pertencentes ao homem medieval foram constantemente utilizados para explicar as primeiras percepções sobre o território americano. Além disso, também podemos observar uma série de aspectos voltados para uma presença comportamental medieval, já que a mentalidade dos personagens que as compuseram se reflete nestes documentos representando os medos, os anseios, as curiosidades e evidenciando, em suas primeiras experiências com as terras do continente americano, características vinculadas ao seu imaginário.

Neste sentido, nossa proposta de trabalho, a qual está em uma fase inicial de contato e análise da documentação e que este artigo apresenta os resultados iniciais, justifica-se pela necessidade de compreender a percepção do homem europeu medieval que chegou ao

continente americano através do estudo e da pesquisa dos objetos originados desta experiência durante o século XVI, abordando não somente as relações do homem com o espaço e o tempo relacionados a este período histórico, mas também suas elaborações culturais a partir de uma abordagem historiográfica.

2. A historiografia medieval: o vínculo entre as crônicas do século XVI e as crônicas medievais

Com a entrada gradativa da disciplina História Medieval no contexto curricular brasileiro, a mesma tornou-se imprescindível para a formação do historiador no Brasil, o que favoreceu não somente uma melhor compreensão e aproximação ao passado medieval português, mas também o entendimento do desenvolvimento da história e da cultura dos países que mantiveram contato com o território ibérico medieval. Um dos reflexos desta mudança foi a preocupação cada vez maior com os estudos sobre o Medieval realizados no Brasil e que abordavam perspectivas continuístas com o território americano (FIGUEIREDO NOGUEIRA, 2002, p. 291-297). Dessa forma, o vínculo entre o território americano e os aspectos da cultura medieval tornaram-se, em algumas pesquisas, o contexto central a ser estudado, no qual são encontrados muitos objetos como, por exemplo, as crônicas do século XVI.

Em termos de materialização de um passado, as crônicas do século XVI apresentam-se tais como as crônicas medievais: há uma recuperação de informações e posteriormente uma materialização das mesmas. Considerando os últimos avanços teórico-metodológicos com respeito às crônicas medievais, tais objetos devem ser estudados a partir de três aspectos: como fonte que narra uma época, como fonte que faz parte da época em que foi composta e como artefato literário que deve ser entendido em sua forma e conteúdo (AURELL, 2013, p. 95-142), de forma que devemos observar o significado do artefato a partir de suas particularidades textuais e materiais (CHARTIER, 2005, p. 7-15).

No que se refere às crônicas do século XVI, especificamente as crônicas compostas no âmbito da América espanhola e portuguesa, as mesmas são objetos nos quais se encontraram duas visões de mundo: a do cronista, voltada para o âmbito europeu, e a dos testemunhos que este cronista proporcionou a partir do contato com o território americano. Neste sentido, a abordagem de tais documentos favorece a identificação das características do homem medieval que chegou em terras americanas a partir de sua mentalidade, de sua relação com o território desconhecido e de seu vínculo com a novidade proporcionada pelo contato entre dois mundos diferentes. A partir dos diversos relatos contidos nestes documentos, os mesmos devem ser

contextualizados em seus momentos de composição e a partir do grupo social ao qual seus autores pertencem, o que favorecerá um possível caminho de abordagem sobre a compreensão das experiências dos autores destes documentos em seu contato com o território.

Entretanto, para que possamos estabelecer este vínculo entre as crônicas do século XVI e as crônicas medievais devemos, em primeiro lugar, reconhecer a importância e o local da historiografia medieval em uma perspectiva historiográfica mais ampla, assim como reconhecer suas especificidades. Esta apresenta diversas características específicas que a fazem se destacar no cenário historiográfico, tais como a natureza da escrita histórica, seu caráter histórico e ao mesmo tempo literário, os vínculos entre a história e a política, sua função edificante e o princípio de contemporaneidade. Dela fazem parte diversos gêneros históricos, os quais foram compostos durante o Medievo, tais como os anais, as genealogias, as crônicas, as biografias e as autobiografias. Além disso, para se aproximar à historiografia medieval deve-se superar alguns pré-conceitos, como, por exemplo, a tendência a projetar sobre a mesma conceitos historiográficos que pertencem aos séculos XVIII e XIX (ou seja, advindos do pensamento ilustrado, do positivismo e do historicismo) próprios da historiografia moderna, e o fato de não considerá-la como tendo um valor em si mesma, ou seja, como escritura histórica, já que por muito tempo as mesmas eram analisadas como documentos utilizados para fazer um discernimento entre o que era verdadeiro e o que era falso (AURELL, 2013, p. 95-142).

Neste sentido, considerando as crônicas do século XVI como pertencentes ao mesmo campo historiográfico das crônicas medievais, ou seja, pertencentes à historiografia medieval, tais objetos devem ser estudados a partir de um viés próprio para as crônicas medievais.

3. Primeiras impressões

Durante as primeiras análises que realizamos encontramos uma série de informações sobre as quais discorreremos nos itens abaixo. Tais informações presentes na documentação fazem parte de uma cultura na qual estes homens viviam e conviviam, com permanências e práticas presentes no âmbito ocidental medieval e que transparecem na documentação. Considerando tais documentos como produtos do seu contexto de composição, assim como produtos nos quais seus autores, ou seja, homens medievais, imprimiram suas perspectivas sociais e culturais, analisar as crônicas portuguesas e castelhanas compostas durante o século XVI é compreender a forma de pensamento dos homens que chegaram ao território americano com uma carga de experiência acumulada, assim como entender seus comportamentos e atitudes, os quais traziam em si uma experiência anterior que os vincula ao Medievo.

É certo afirmar que o homem que saiu da Europa e chegou às terras americanas trazia em sua bagagem uma experiência cultural medieval. Provavelmente todos haviam nascido em um contexto europeu do século XV, viviam em um mundo em sua maior parte urbano, cada vez mais letrado, com reinos estabelecidos politicamente, com uma organização social estável e com uma religião abrangente não somente territorialmente, mas também em termos de mentalidade. Portanto, ao se analisar tais documentos devemos considerar esta bagagem cultural que o homem europeu apresentava e que, de certa forma, ao tentar apresentar a novidade que se colocava diante dos seus olhos através da composição das diversas crônicas compostas durante o século XVI, colocou-a por escrito materializando a comparação entre o novo e sua experiência.

Tal atitude é o que Peter Burke denomina “tradução cultural”, ou seja, a tradução de uma cultura através da interpretação com base em conhecimentos já adquiridos. Interpreta-se as novas experiências através de uma bagagem cultural já existente, traduzindo-a em termos explicáveis (BURKE, 2010, p. 106). E foram algumas destas bagagens culturais pertencentes ao homem europeu que conseguimos identificar durante as primeiras aproximações que fizemos no desenvolvimento do projeto. Neste sentido, destacamos a seguir algumas das características desta bagagem cultural anterior, considerando-as em uma perspectiva de longa duração: a mentalidade bélica e cristã, as diversas oposições estamentais pertencentes ao Medievo e a escrita da História.

3.1. A mentalidade bélica e cristã

A guerra e a religião caminharam lado a lado durante boa parte do Medievo. Tanto em episódios como a aliança entre o papado e o poder real/imperial como em contextos como as Cruzadas e a Reconquista, a união entre estas duas perspectivas foi constante. Ademais, em se tratando de documentos compostos por autores vinculados à Península Ibérica, esta presença ocorreu ainda mais constantemente e de forma abrangente.

A partir do século XI houve o desenvolvimento de uma conexão cada vez mais íntima entre a guerra e a religião, especialmente a partir do Concílio de Clermont (1095), quando o papa Urbano II (1088-1099) incitou àqueles que guerreavam entre si em contendas internas à cristandade a se converterem em “soldados de Cristo” (PEDRERO-SÁNCHEZ, 2000, p. 83). Esta perspectiva também esteve presente na expansão dos territórios cristãos na Península Ibérica e, conseqüentemente, é certo afirmar que o processo de chegada do homem europeu à América fez com que esta expansão continuasse. Por exemplo, podemos verificar esta perspectiva na carta de Pero Vaz de Caminha, ao expor sua opinião sobre a primeira semana

após a chegada às terras americanas: “Pareceme jente de tal inocencia que, se os homem entendesse e eles a nos, que seriam logo cristãos, porque eles nom teem nem entendem em nenhuma crença segundo parece” (*Carta de Pero Vaz de Caminha*, fol. 10).

A noção de Deus resumia a concepção de mundo dos homens medievais (SCHMITT, 2002, p. 301-317). O homem do começo do século XVI ainda fazia parte de uma cristandade ampla territorialmente. A documentação analisada apresenta bem esta característica. Por exemplo, o primeiro nome dado por Pero Vaz de Caminha ao território foi “Terra da Vera Cruz” (*Carta de Pero Vaz de Caminha*, fol. 1v), fazendo uma referência ao principal símbolo do cristianismo, ou também a determinação de que no “domingo de pascoela pela manhã determinou o capitam d huir ouvir missa e pregaçam” (*Carta de Pero Vaz de Caminha*, fol. 4v), fato comum para os homens daquela sociedade cristã que se formou no Ocidente medieval, são exemplos deste vínculo constante com os aspectos e simbolismos do cristianismo. Tal mentalidade foi estimulada e, de certa forma, mantida por personagens que se dedicavam ao contexto religioso, como os Jesuítas, os quais foram identificados por Pedro de Magalhães Gandavo ao descrever algumas capitâneas no *Tractado da Terra do Brasil* (*Tractado da Terra do Brasil*). De todos os modos, já no século XVI havia uma discussão sobre a necessidade de se manter a origem religiosa do nome da terra do Novo Mundo, como podemos observar em um fragmento da *História da Província de Santa Cruz*, também uma obra de Gandavo, onde o autor, ao propor o retorno do nome da terra para “Província de Santa Cruz”, discute sobre a importância da finalidade da madeira que serviu para se construir a cruz de Cristo:

Por onde nam parece razão, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos delle tam individamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pao da tinta começou de vir a estes Reinos. Ao qual chamaram brasil por ser vermelho e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil. Mas pera que nesta parte magoemos ao Demonio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memoria da Sancta Cruz, e desterrala dos corações dos homens (mediante a qual fomos redemidos e livrados do poder de sua tyrannia) tornemoslhe a restituir seu nome e chamemoslhe Província de Sancta Cruz como em principio (que assi o amoesta também aquelle illustre e famoso escritor João de Barros na sua Primeira Década, tratando deste mesmo descobrimento). Porque na verdade mais he destimar e melhor soa nos ouvidos da gente Christaã o nome de hum pao em que se obrou o mysterio de nossa redempçam, que o doutro que nam serve de mais que de tingir panos ou cousas semelhantes (*História da Província de Sancta Cruz*, fol. 7r-7v).

3.2. Oposição social

Desde o começo de sua formação, a sociedade medieval se estruturou socialmente de forma opcionista: clérigos/leigos, letrados/iletrados, nobres/não nobres, vida rural/vida

urbana, senhores/vassallos, senhores/servos, entre outros (IOGNA-PRAT, 2002, p. 305-319). O Ocidente medieval que passou a existir a partir do século XIII, estabelecido de forma territorial e religiosa, cada vez mais identificava como seus opositores aqueles que não compartilhavam com sua visão religiosa, tais como os hereges e os infiéis. Havia, portanto, não somente uma ideia de oposição social entre os diversos personagens internos ao território, mas também uma oposição com outros territórios.

No caso da Península Ibérica houve uma incessante e necessária elaboração identitária durante o Medievo, principalmente considerando este território como um âmbito fronteiro no qual a presença de cristãos e muçulmanos era constante (CATLOS, 2010), assim como a presença de muçulmanos em meio a um território cristão e cristãos em meio a um território muçulmano, como foi o caso dos *moçárabes* e dos *mudéjares* (GLICK, 1997). Neste caso, o que importa é considerar que esta relação, em território americano, não ocorreu a partir de uma perspectiva única de contrariedade. Por exemplo, em diversos momentos da narrativa da *Carta de Pero Vaz de Caminha* observamos uma aproximação gradual entre os portugueses e os nativos (*Carta de Pero Vaz de Caminha*); ou, ao contrário, quando analisamos a *Crónica de la Nueva España* de Francisco Cervantes de Salazar, onde o primeiro contato entre castelhanos e nativos na chegada daqueles à costa da Nova Espanha foi marcado pela violência (*Crónica de la Nueva España*, Libro segundo, capítulo I). Seja pelo aspecto pacífico, seja pelo aspecto violento, em ambos casos se trata textualmente de uma oposição social: “nós” e “eles”.

3.3. A escrita da História

Os objetos historiográficos que o homem europeu produziu em termos de experiência *extramuros* europeia demonstra a complexidade da historiografia medieval. Sabemos que havia diversos gêneros históricos, tais como anais, genealogias, gestas, etc... No que se refere a este trabalho, os documentos produzidos no século XVI e que são fruto desta interação entre os conhecimentos do homem medieval e as novidades encontradas em seu processo de expansão podem ser classificados como crônicas medievais, não somente por que foram compostos por personagens que pertenciam a este mundo e mantinham esta mentalidade, mas também porque apresentam muitas das características da historiografia medieval, tanto em termos de forma, ou seja, o formato livro, quanto em termos de conteúdo, ou seja, a utilização da narrativa.

No que diz respeito a este último aspecto, não podemos esquecer o vínculo que existia entre o gênero crônica e o formato material que o mesmo assumia, ou seja, o livro. Este objeto foi produzido em diferentes níveis de competência, condicionado por diferentes contextos

históricos e composto por diferentes personagens sociais (PARKES, 1989, p. 11-16). A partir desta perspectiva podemos considerar o livro medieval como um objeto de poder, pensamento e memória, já que o mesmo foi um dos principais meios pelos quais se difundiu o pensamento político no Medievo (BROWN, 2007, p. 179-193). E foi justamente neste objeto que os homens medievais que chegaram ao continente americano trabalharam para manifestar suas expressões. Neste sentido, ao adotar o formato livro para materializar suas expressões, os diversos cronistas do século XVI buscavam materializar suas ideias associando-as a um formato legítimo, verdadeiro, já que o principal livro em termos de cristianismo, ou seja, a Bíblia, também era representado por este formato.

Conclusão

Em seu livro *A história deve ser dividida em pedaços?*, Jacques Le Goff afirma que entre os séculos XVI e XVIII não ocorreu nenhum rompimento com as perspectivas econômicas, políticas, sociais e culturais que pertenciam ao Medievo, de forma que as mesmas permaneceram vigentes durante estes séculos (LE GOFF, 2015, p. 97). Considerando que o homem que chegou às terras americanas a partir do final do século XV trazia em sua formação uma série de informações relacionadas ao seu passado, ou seja, um contexto localizado no que conhecemos como Medievo, podemos afirmar que a partir do século XVI – e, para destacar, a partir de uma perspectiva europeia – as diversas levadas de homens europeus que chegaram ao continente americano traziam em sua bagagem acumulada uma mentalidade que pode ser entendida em termos medievais.

Portanto, considerar as crônicas do século XVI, oriundas do contato entre europeus e nativos, como fontes que representam uma continuidade de perspectivas – a partir do contexto europeu – é trabalhar com o intuito de compreender os vínculos de continuidade e permanência que estavam presentes a partir do século XVI e que se manifestaram por escrito em diversos documentos.

Referências

Fontes primárias

Carta de Pero Vaz de Caminha. Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1277755/mss1277755.pdf. Acesso em 03/09/2017.

Crónica de la Nueva España. Libro segundo, capítulo I. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/cronica-de-la-nueva-espana--0/html/29922ac8-e981-4372-adcc-8c3c6643fdaa_2.htm#35. Acesso em 03/09/2017.

História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: http://purl.pt/121/4/res-365-p_PDF/res-365-p_PDF_24-C-R0150/res-365-p_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf. Acesso em 03/09/2017.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média. Textos e Testemunhas*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

Tractado da Terra do Brasil no qual se cõtem a informação das cousas que ha nestas partes feito por Pero de Magalhães. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/211/6/P1.html>. Acesso em 03/09/2017.

Bibliografia

AURELL, Jaume. La historiografía medieval: siglos IX-XV. In: *Comprender el pasado. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico* (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 95-142.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

BROWN, Michelle P. The Triumph of the Codex: The Manuscript Book before 1100. In: *A Companion of the History of the Book*. Edited by Simon Eliot and Jonathan Rose. London: Blackwell Publishing Ltd., 2007, p. 179-193.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Madrid: Akal, 2010.

CATLOS, Brian A. *Vencedores y vencidos. Cristianos y musulmanes de Cataluña y Aragón, 1050-1300*. València: Publicacions Universitat de València, 2010.

CHARTIER, Roger. Mystère esthétique et matérialités de l'écrit. In: CHARTIER, Roger. *Inscrire et effacer: culture écrite et littérature (XIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Le Seuil/Gallimard, 2005, p. 7-15.

FIGUEIREDO NOGUEIRA, Carlos Roberto. Os estudos medievais no Brasil de hoje. *Medievalismo*, Num. 12, p. 291-297, 2002.

GLICK, Thomas F. *Cristianos y musulmanes en la España Medieval (711-1250)*. Barcelona: Altaya, 1997.

HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

IOGNA-PRAT, Dominique. Ordem. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 305-319.

LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LE GOFF, Jacques. *Un long Moyen Âge*. Paris: Tallandier Éditions, 2004.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. I e II. São Paulo: EDUSC, 2002.

PARKES, M. B. Introduction. In: *The Role of the Book in Medieval Culture*. Oxford International Symposium 26 September – 1 October 1982. Edited by Peter Ganz. *Bibliologia* 3. Elementa ad librorum studia pertinentia. Turnhout: Brepols, 1989, p. 11-16.

SCHMITT, Jean-Claude. Deus. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. I. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 301-317.

WECKMANN, Luís. *La herencia medieval de México*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – El Colégio de México, 1994.

Recebido em 22/08/2017

Aceito para publicação em 21/09/2017